

Cine Debate na Comunidade Terapêutica – Uma Abordagem Junguiana

Por Geraldo Antônio Balbuena de Araújo¹

Resumo

O presente trabalho se propõe apresentar a atividade Cine Debate com abordagem junguiana e relacionar alguns conceitos da psicologia analítica com os filmes apresentados na atividade desenvolvida na comunidade terapêutica – instituição cujo objetivo é o tratamento de pessoas (residentes) dependentes de alguma substância química psicoativa. Cabe salientar que a abordagem junguiana questiona o paradigma de que a dependência química é uma doença em si mesma, mas é, sim, um sintoma cuja origem está nos aspectos inconscientes que reivindicam espaço para manifestação. Partindo desse questionamento, a atividade objetiva provocar reflexões íntimas nas residentes a partir do enredo, cenas, personagens, cenários, enfim, das metáforas que possam derivar da interpretação de cada uma das espectadoras – claro que a partir de seu cabedal psíquico. A base junguiana facilita a abordagem – sem desqualificar as demais linhas –, pois é ampla e aplicável, principalmente, a pessoas que estão buscando ou precisam buscar um sentido outro para suas vidas, independentemente das patologias que orbitam as suas caminhadas. Com efeito, o Cine Debate não tem a pretensão de ser uma panaceia no tratamento da dependência química, mas uma ferramenta valiosa para questionar as certezas mais íntimas, enraizadas nas almas das pessoas.

Palavras-Chave

Dependência Química. Filme. Cine Debate. Psicologia Analítica.

¹ Analista Junguiano – Graduação: Economia; e Formação Pedagógica (FEA) . Pós-graduação: Administração (UFSM); MBA Controller (USP); Psicologia Junguiana (Facis); e Dependências, Abusos e Compulsões (Ijep).
E-mail: geraldobalbuena@uol.com.br.

Introdução

Desde seu advento, o cinema é uma das artes que exerce forte influência no comportamento e na cultura da sociedade. Seduzidos pelos personagens e com a trama que os envolve, os espectadores se projetam nas cenas e procuram repetir não apenas os comportamentos, mas também as roupas, os acessórios, as falas – enfim, em algum aspecto a película invade o cotidiano das pessoas.

O impacto mencionado acima é o mais perceptível, principalmente em um mundo extrovertido que privilegia o objeto em detrimento do sujeito.

O desafio instigante vai além de enxergar as obviedades escancaradas nos filmes – é buscar o que está escondido em cada cena, diálogo, em cada momento de silêncio, sorriso ou em cada lágrima derramada. Nesses momentos, os dramas, as comédias deixam de ser de uma única “autoria” e direção. Cada espectador se dá o direito de interpretar e se apropriar da história, cuja análise é plenamente afetada pela sua experiência de vida. Por essa razão, cada espectador assiste a um filme, o “seu” filme – interpretado de acordo com a sua bagagem –, embora todos assistam ‘objetivamente’ ao mesmo filme.

O presente texto foi estruturado de forma a propiciar um entendimento do conteúdo de forma encadeada, passando pela ‘função terapêutica’ da atividade; como acontece o Cine Debate na prática; explanação de alguns conceitos da Psicologia Analítica – diferencial na abordagem; e, por fim, relaciona alguns filmes que podem aludir aos conceitos mencionados.

A Função Terapêutica

A utilização de filmes como *approach*² terapêutico não é novidade nas comunidades terapêuticas (CT) ou clínicas de recuperação de adictos. São empregados como meio para provocar o questionamento e reflexão sobre o estilo (ou a falta de) de vida que se leva quando na adicção ativa.

² Abordagem; aproximação; ferramental.

Na abordagem junguiana, a atividade – Cine Debate – também tem esse intuito, porém vale-se do arcabouço de conceitos da psicologia analítica (alguns serão resumidos no próximo tópico), com ênfase no entendimento de que a drogadicção não é uma doença em si, mas um sintoma de uma ferida psíquica não cicatrizada, a qual potencializa o afastamento de si mesmo e a aproximação de algo que lhe deixe mais distante do contato com a chaga aberta na alma.

Essa premissa não separa o mundo em dois – um de pessoas que não utilizam substâncias psicoativas e o outro povoado por adictos. Iguala a todos pela natureza humana, com aspectos sombrios inconscientes a serem trazidos à luz e resignificados. Porém, não ignora que na particularidade de cada ser existe uma forma individual de lidar com essas questões, que podem levar a diversas formas compulsivas de externar o “grito inconsciente” da alma. Essa é uma das razões que não são utilizados, na atividade, exclusivamente filmes que abordem a adicção como tema principal.

No Cine Debate, podem ser utilizados quaisquer tipos e gêneros de filme que abordem a vida como ela é e que sirvam ao processo de questionamento dialético e dialógico interno – inclusive películas sobre adicção (por que não?).

Existem algumas características gerais comuns às pessoas que estão no uso ativo de substâncias psicoativas ou buscando a recuperação. A principal delas que influencia diretamente no tratamento é de que o adicto ou o indivíduo com a compulsão latente tem dificuldade em manter relações subjetivas, profundas, com vínculo, inclusive com ele mesmo. As relações com o mundo, com as pessoas, são objetais e superficiais – similar à relação que possui com a droga: usa e descarta, porém, com “custo” altíssimo.

Todo o tratamento nas CT – pelo menos na Casa do Sol Azul – tem como um dos objetivos provocar alguma reconfiguração interna na residente; uma mudança no mais profundo da alma e que, conseqüentemente, traga reflexos na sua relação com ela mesma e com mundo. É nesse contexto que o Cine Debate se encaixa: como mais um instrumento a provocar o questionamento interno e corroborar com o desenvolvimento do tratamento. Essa atividade não tem a pretensão de ser a principal ferramenta na abordagem terapêutica, mas sim instigar “desconfortos”

internos que venham favorecer a aproximação com o desconhecido das residentes pelas outras atividades individuais e grupais que a CT oferece.

A seguir, será feito um resumo da atividade, bem como serão descritos alguns conceitos da psicologia analítica e filmes nos quais esses conceitos podem ser observados. Saliente-se que na atividade prática com as residentes esses termos técnicos raramente são abordados diretamente, até porque o objetivo não é discutir conceitos da psicologia.

Dinâmica do Cine Debate – A Prática

A atividade se inicia com a escolha pelas residentes de um filme dentre os três levados pelo terapeuta. Essa primeira parte não tem objetivo diretamente terapêutico, mas, sim, pedagógico (se é que se pode separar uma coisa da outra): responsabilidade sobre as escolhas. É aconselhável que os filmes sejam dublados, considerando a dificuldade de concentração e para a leitura das legendas que algumas apresentam quando o filme é legendado.

Após todos – residentes e terapeuta – assistirem a um dos filmes, escolhido por votação, inicia-se o debate. Pode-se usar uma pergunta instigante e/ou perturbadora para reflexão como direcionadora da partilha das residentes, ou pode-se deixar que a partilha seja livre sobre cenas, personagens que mais chamaram a atenção. Nessa última situação, geralmente, elas iniciam o relato com a frase: “Me identifiquei com [...]”.

De qualquer forma, o que vem a tona é algo valiosíssimo, seja pela espontaneidade da interpretação do filme e da relação que a residente fez com sua vida, seja pelo posicionamento da *persona* (conceito que veremos em tópico específico a seguir) dissimulado e cheios de frases feitas, que acredita que é tudo que o terapeuta queira ouvir naquele momento. Realmente não interessa se o depoimento é verdadeiro ou falso. O que importa é que o filme fique trabalhando no inconsciente a favor do processo de tomada de consciência e contribua com as outras ferramentas terapêuticas disponíveis da CT.

É nesse formato que se dá o Cine Debate e o momento anterior ao encerramento da atividade acontece com o depoimento do terapeuta sobre o filme,

garimpando e sublinhando aspectos relevantes nas partilhas das residentes, bem como compartilhando seu entendimento sobre os símbolos e metáforas que podem ser detectáveis na película.

O encerramento é feito com todos rezando a oração da Serenidade – prece ecumênica muito conhecida nas CT.

Alguns Conceitos Utilizados na Abordagem Junguiana

Carl Gustav Jung, idealizador da psicologia analítica, era um psiquiatra suíço que desde tenra idade buscava respostas para os mistérios que envolvem a psique. Em sua inércia na busca de conhecimento navegou e, muitas vezes, mergulhou em águas que lhe ampliassem a visão sobre os temas que lhe eram trazidos em sua prática psicanalítica. Bebeu em várias fontes: na filosofia, na religião, na mitologia, na astrologia, na alquimia e na física moderna. Foi discípulo de Freud, que o queria como sucessor.

Da sua prática e suas pesquisas, Jung trouxe e/ou adaptou para a psicologia analítica vários conceitos e alguns deles – mais evidentes ao tema dependência – serão mencionados resumidamente a seguir (em ordem alfabética), bem como, no próximo tópico serão relacionados filmes cujos conceitos descritos podem ser identificados.

Complexo

Grupo de ideias ou imagens carregadas emocionalmente que atua de forma autônoma e, invariavelmente, se contrapõe a atitude perceptível da consciência.

Dito por Jung (p. 201), seria “[...] a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência.” Ou, ainda, em outra obra Jung (1991, p. 758) comenta sobre a autonomia do complexo “[...] Com isso se demonstra a autonomia do complexo funcional de uma atitude habitual: é como se uma outra personalidade se tivesse apossado do indivíduo, como se ‘outro espírito tivesse entrado nele’.”

Quando ocorre a constelação de um complexo, invariavelmente, é porque alguma situação externa disparou um “gatilho” psíquico que revive ou atualiza determinados conteúdos estranhos à consciência entranhados na alma.

É de se destacar a autonomia do complexo. Quando um indivíduo é tomado por um complexo, ele fica a mercê dessa força psíquica, como um refém de uma parte de si mesmo. Fica sem ação, de tal forma “possuído”, que a energia da consciência não é suficiente para romper o poder subordinante do complexo ativo. Enfim, toda constelação de complexos redundando em um estado perturbado de consciência. Nessa situação, não somos nós que temos os complexos; mas, sim, eles que nos tem.

Consciência

Parte da psique composta por memórias, lembranças, pensamentos e sentimentos de fácil acesso. Seu centro organizador é o Ego (Eu). Normalmente, é mencionada em conjunto com o inconsciente, como par de opostos complementares.

A abordagem junguiana do Cine Debate tem o intuito, também, de facilitar a ampliação da consciência por meio da provocação dialética. Saliente-se que a ampliação da consciência vai além do conhecimento intelectual, racional e cartesiano do conteúdo.

Somente a partir dos conteúdos conscientizados o indivíduo pode exercer seu direito de escolha e renúncia. É-se refém dos aspectos inconscientes, pois a estes não foi dado espaço para emergirem à consciência.

Jung (2000, p. 9) afirma, ratificando o acima exposto, que “O eu possui o livre-arbítrio – como se afirma –, mas dentro dos limites da consciência.”

Ego

O centro da consciência, invariavelmente, chamado de ‘Eu’. É tudo que o indivíduo sabe de si próprio, todas as características que acolhe como sendo suas. É um complexo, segundo a psicologia analítica, palpável, pois se identifica com o soma, com o corpo.

O Eu tem função importante na relação com o mundo externo e com o mundo interno (inconsciente). É um mediador, nestes casos. O Ego se assenta, de um lado, sobre o campo da consciência global e, de outro, sobre a totalidade dos conteúdos inconscientes.

Uma das dificuldades no processo terapêutico se dá quando o indivíduo considera que somente esse 'Eu' existe – descartando todas as demais particularidades da psique. Com efeito, com relação ao dependente químico, visto que esse Ego não é tão fortalecido.

Função Transcendente

É resultante de uma tensão, no primeiro momento, e, após, de uma união entre conteúdos inconscientes e a consciência. É a síntese de uma tese e uma antítese. A função transcendente, em sua essência, caracteriza-se por ser um aspecto de auto-regulação da psique e manifesta-se, basicamente, a partir de um símbolo. É uma ponte entre uma configuração psíquica e outro novo posicionamento oriundo de uma resignificação. Isso acontece porque o inconsciente se comporta de forma compensatória ou complementar à consciência e vice-versa.

Murray Stein (1998, pg. 205) conceitua a função transcendente como sendo “o elo psíquico criado entre a consciência do Ego e o inconsciente como resultado da prática de interpretação dos sonhos e da imaginação ativa, e essencial, portanto, para a individuação na segunda metade da vida”.

Procurar emergir conteúdos inconscientes no processo terapêutico para que ganhem espaço à luz da consciência do analisando é um dos objetivos do analista junguiano.

A atividade Cine Debate, com viés junguiano, segue esse “roteiro”: deixar as residentes “incubando” em sua psique as temáticas do filme, provocando o inconsciente para que faça o seu papel no tratamento e corrobore com as demais terapias da CT.

Homo Religiosus

Jung acreditava que o homem, nas profundezas da psique, é um ser religioso, e sua dinâmica (da psique) é impeli-lo para Deus – *Imago Dei*. É função do terapeuta facilitar ou instigar esse encontro – o *religere* –, pois é uma tendência arquetípica, primordial. Todo homem, consciente ou inconscientemente, almeja o sagrado, o numinoso.

Neste mundo contemporâneo a experiência com o sagrado que o homem tanto necessita está cada vez mais perdendo espaço à apologia ao consumo, competição e ao sucesso. Os rituais religiosos de passagem – que poderiam mediar esse contato – ficaram restritos a alguns escassos eventos e com falta de conteúdo iniciático.

No caso da dependência química, Luigi Zoja (1992, pg. 122) concluiu de forma inovadora:

O uso da droga parece afirmar-se sob a forma de um substituto da experiência religiosa. [...] Pode-se experimentar o “numinoso”, por isso qualquer outra experiência passa a ser insignificante e a pessoa se volta para a droga.

Os Deuses falam conosco, mas só dentro de nós, matando pouco a pouco a nossa relação com o mundo. Eles falam sem mediações do rito e sem a defesa fornecida pelo compartilhar da experiência com um grupo. [...] E toda religião ensina que Deus é poderoso demais para ser olhado no rosto. [...] Sem observá-lo de uma distância respeitosa e prudente, caímos, sem mediações, “nas mãos do Deus vivo”: a sua luz e a sua potência nos queimam.

Segundo essa abordagem, como a experiência religiosa é natural em todo o ser humano, o adicto também busca vivenciá-la, inconscientemente, a sua maneira, porém sem mediação de sentido *religere*, ficando a mercê do “Deus Vivo”, pois essa relação não tem como ser de paridade.

Jung (2011, p. 509), a partir da sua experiência clínica, faz o seguinte comentário sobre a importância da religião ou religiosidade na vida do homem:

De todos os meus pacientes que tinham ultrapassado o meio da vida, isto é, que contavam mais de trinta e cinco anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse o da atitude religiosa. Aliás, todos estavam doentes, em última análise, por terem perdido aquilo que as religiões vivas ofereciam em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum se curou realmente, sem ter readquirido uma atitude religiosa, o que, evidentemente, nada tinha a ver com a questão de confissão (credo religioso) ou com a pertença a uma determinada igreja.

Inconsciente

A porção da psique situada fora da consciência. Os conteúdos do inconsciente são constituídos por memórias reprimidas e por material, como pensamentos, imagens, emoções, que nunca chegaram à consciência.

Para a psicologia analítica, o inconsciente está dividido em inconsciente pessoal o qual aloja os complexos – ou como Jung (2006, p. 218) conceituou: “Os conteúdos são de natureza pessoal quando podemos reconhecer em nosso passado seus efeitos, sua manifestação parcial, ou ainda sua origem específica” –; e o inconsciente coletivo, que guarda as imagens arquetípicas e os instintos.

Quanto ao inconsciente coletivo pode-se afirmar que é composto por categorias herdadas, o “DNA psíquico” da espécie humana; nas palavras de Jung (2006, p. 234) “[...] nossa psique consciente e pessoal repousa sobre a ampla base de uma disposição psíquica herdada e universal, cuja natureza é inconsciente; a relação da psique pessoal com a psique coletiva corresponde, mais ou menos, à relação do indivíduo com a sociedade”.

A matéria prima para o processo terapêutico reside no inconsciente. O dependente químico – como qualquer outro indivíduo que se disponibilize ao autoconhecimento – necessita caminhar em busca de um Ego fortalecido para poder digerir os conteúdos inconscientes que precisam emergir à consciência para o bem do desenvolvimento da personalidade.

Individuação

É um processo que envolve uma consciência crescente da nossa realidade psicológica única, incluindo as forças e as limitações pessoais e busca uma meta psíquica – a realização do *daimon* interior.

Este processo dependente, e muito, da relação do Ego com o inconsciente. O diálogo fluído entre esses dois gigantes da psique corrobora com a migração de aspectos inconscientes à consciência, ratificando a necessidade natural do desenvolvimento da personalidade. O objetivo não é a perfeição, mas a completude – considerando a “capacidade” e limitações de “acolhimento” da consciência. Quando mais o Ego se coloca numa posição de humildade e disponibilidade às demandas inconscientes, mais contribui para o processo de individuação.

A individuação não deve ser confundida com o individualismo. A primeira busca atender as demandas da alma, se afastando dos valores coletivos, porém sem perdê-los ou afrontá-los. O individualismo, pelo contrário, é anseio egoico ou egocêntrico que rechaça os valores coletivos. Via de regra, quem entra no caminho da individuação devolve ou compartilha com a coletividade algo que apreendeu no percurso, como forma de “pedágio” pela sua abstenção do convívio coletivo.

A atividade terapêutica precisa instigar a reflexão quanto à troca com a coletividade. Em algum ponto dentro da singularidade de cada um existe algo que somente aquela psique pode fazer pela evolução cosmos: o que será?

O autoconhecimento e a busca de resposta para essa pergunta permearão o tempo todo o processo de individuação.

Numinoso

Deriva do latim *numinosum* e refere-se a um elemento, dinâmico, carregado de energia, independente da vontade consciente.

Descreve pessoas, coisas ou situações que têm profunda ressonância emocional, psicologicamente associadas a experiências transpessoais.

A experiência numinosa – ou com o sagrado – possui um poder diferenciado sobre a psique, com efeito, altera a configuração e amplia a consciência.

A vivência desta experiência não é privilégio das religiões, mas é aconselhável que se dê com mediações e em “terreno seguro psicologicamente” – quando vivê-la foi escolha voluntária. O “Deus vivo” não pode ser olhado nos olhos, sob pena da dissociação ou desencadeamento de patologias psíquicas.

Inconscientemente, a busca da experiência numinosa é inerente ao ser humano por meio dos rituais, ritos de passagem etc. A adicção é uma maneira alternativa que tem por fim vivenciar o sagrado, porém o sujeito não consegue ampliar a consciência de forma efetiva e ainda fica refém da experimentação. É como se tivesse cometido a *hybris* (ato pretensioso, além da medida), tomado um “atalho” para falar com os Deuses.

Persona

O termo *persona* tem origem latina que significa a máscara a qual o ator teatral colocava no rosto durante a encenação. Esse significado antigo esclarece bastante o sentido que esse conceito tem dentro da psicologia analítica.

Para a psicologia analítica, *persona* é o “eu” – geralmente as características tidas como ideais e mais distintas de nós mesmos – que apresentamos ao mundo exterior. A máscara utilizada para adaptação social.

Cada meio ambiente demanda uma atitude (*persona*) diferente ou específica. Quanto mais for exigida determinada atitude, mais rapidamente ela se tornará habitual e confortável em termos psicológicos. Muitas vezes, a identificação com essa atitude “preferida” faz com que a “máscara” não seja trocada, mesmo em “papéis” e “palcos” distintos – i.e. o juiz exerce o papel de juiz no tribunal e em casa; o professor o é em aula e no trânsito etc.

Como será mencionado no tópico Sombra, a grande maioria dos dependentes químicos acaba se identificando com a *persona* ‘adicto’, seja na ativa, de forma inconsciente (bode expiatório), ou no tratamento nas CT (NA e AA também), quando finalmente aceita conscientemente que é um dependente químico e fica repetindo incansavelmente que é “fulano de tal, adicto (ou alcoólatra) em recuperação [...]”.

Essa situação possui, no mínimo, duas facetas a observar quando no tratamento.

Em uma delas pode-se afirmar que é um degrau alcançado no tratamento quando o indivíduo reconhece que é impotente perante a sua compulsão e que realmente é um adicto – esse reconhecimento é muito importante. Porém, quanto há uma identificação muito forte com essa *persona* (adicto reconhecido), os outros aspectos da personalidade (possibilidades) podem ficar submersos na escuridão do inconsciente, negligenciados, sem a atenção do Ego.

No caso do dependente em tratamento é importante que lhe seja levado a reflexão de que ele também o é um adicto (e é imprescindível não esquecê-lo), porém em sua personalidade habitam outros personagens e deuses que querem ganhar voz e a luz da consciência.

Sentido Teleológico

Termo utilizado para explicitar uma finalidade para todas as coisas. O que é dirigido para um fim. Tudo tem um propósito, segundo este conceito – com ênfase, a vida.

Jung (p. 798) comenta que “A vida é teleológica *par excellence*, é a própria persecução de um determinado fim, e o organismo nada mais é do que um sistema de objetivos prefixados que se procura alcançar.”

A angústia que toma a grande maioria das pessoas, principalmente na segunda metade da vida (metanóia), é decorrente das perguntas que teimam em ecoar no nosso íntimo: ‘A que vim? Qual o meu objetivo nesta vida? Qual o sentido da minha vida?’. São questionamentos perturbadores os quais estão incubados na psique de cada um, que, mais cedo ou mais tarde, vem pedir respostas.

Assim como qualquer indivíduo, o dependente também precisa ser provocado a buscar um sentido para sua vida, de forma a esvaziar a resposta simplista e de verdade parcial: “Sou um adicto em recuperação”. Essa assertiva repetida *ad eternum* acaba criando um “calo” psíquico e se torna uma única verdade absoluta, descartando todas as demais grandezas da alma, como mencionado no conceito *Persona*.

Uma vez que se busque o sentido da vida – sublinhe-se que não é necessário responder as perguntas acima com precisão cartesiana – já é suficiente para iniciar intuitivamente a viver a vida em seu sentido teleológico.

Sincronicidade

Coincidência significativa acausal. Eventos objetivos e psíquicos acontecendo simultaneamente, sem relação de causa e efeito, mas com total correlação naquele momento distinto. Dito de outra forma, pode-se conceituá-la como sendo o encontro de um evento psíquico e de uma situação física correspondente, isto é, constituída de dois fatores: (1) uma imagem inconsciente alcança a consciência de maneira direta (literalmente) ou indireta (simbolizada ou sugerida) sob a forma de sonho, associação, fantasia ou premonição; e (2) uma situação objetiva coincide com este conteúdo.

A concepção desse conceito teve como base o entendimento de que no inconsciente há um tipo de conhecimento prévio dos acontecimentos, sem relação de causa e efeito – um tipo de “conhecimento do inconsciente”.

A partir desse entendimento, Jung buscou amparo também na física moderna com o auxílio de seu amigo e colaborador, o físico W. Pauli. A física moderna “contribuiu” com novos paradigmas: tempo e espaço são relativos; e os pressupostos do indeterminismo e da incerteza.

Finalizando esse tópico, cabe salientar que existe uma diferença muito grande entre a sincronicidade e a simples coincidência. Pode-se usar um evento real acontecido no Rio de Janeiro em 2012 (desmoronamento dos prédios) para se criar cenários que possibilitam a distinguir esses dois conceitos.

Sabe-se que, quando do ocorrido, um estudante de uma faculdade localizada em um dos prédios deixou de ir à aula exatamente no dia do desastre em virtude de ter ficado preso no trânsito (engarrafamento) – até aqui o relato condiz com a realidade.

Se este indivíduo, naquele momento da sua vida, estivesse – consciente ou inconscientemente – passando por algum desconforto psíquico ou questionamento íntimo e esse fato, de alguma sorte, lhe sensibilizasse como um símbolo e redundasse em algum sentido subjetivo, aí se tem a sincronicidade. Se não, o momento em si (desastre), para este estudante, seria apenas uma coincidência (sem conotação pejorativa à percepção do indivíduo).

Sombra

Aspectos ocultos ou inconscientes, bons ou maus, que o Ego reprimiu ou jamais os reconheceu.

É composta, em sua grande parte, de desejos reprimidos de impulsos não civilizados, de motivos moralmente inferiores, de fantasias e ressentimentos infantis; enfim, todas as características das quais ninguém tem orgulho de encarnar. Dessa forma, mais apazível é enxergá-la no outro, por meio do mecanismo de projeção: o que não reconheço em mim, projeto no outro.

Jung (2000, p. 16) aborda a Sombra como “[...] um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispendar energias morais.”

Normalmente a sombra é identificada nos sonhos por pessoas do mesmo sexo do sonhador, invariavelmente com características que a deixam à margem da aceitação geral.

Sombra e *Persona* ficam em “lugares” diametralmente opostos da psique, sendo que a *Persona* sempre atua reprimindo a Sombra, que fica a espreita aguardando seu(s) momento(s) de revanche.

No caso de dependente químico, alguns aspectos sombrios podem lhe servir como alavanca para uma outra forma de enxergar o mundo e de se movimentar nele, visto que a pessoa que sofre com a dependência química, via de regra, se identifica com o personagem (adicto), até como uma forma de vitimização, dando muita ênfase para esse aspecto da sua personalidade, negligenciando, inconscientemente, as demais características e habilidades escondidas na alma – que não tiveram espaço até então para vir à luz, espreitando à sombra.

Sugestão de Filmes Relacionados aos Conceitos da Psicologia Analítica

Complexo: ‘Um Dia de Fúria’; ‘Crash – No Limite’; ‘Reine sobre Mim’; ‘Gênio Indomável’; ‘Verônica Decide Morrer’; ‘Voltando a Viver’.

Consciência: ‘Reine sobre Mim’; ‘Antes de Partir’.

Ego: ‘Advogado do Diabo’; ‘Náufrago’; ‘Um Sonho de Liberdade’.

Função Transcendente: ‘Antes de Partir’; ‘Minha Vida’; ‘Preciosa’; ‘O Voo’; ‘Voltando a Viver’.

Homo Religiosus: ‘Conversando com Deus’; ‘O Livro de Eli’; ‘Ghandi’.

Inconsciente: ‘Avatar’; ‘Reine sobre Mim’; ‘Minha Vida’.

Individuação: ‘Diários de Motocicleta’; ‘*Invictus*’; ‘O Livro de Eli’.

Numinoso: ‘Conversando com Deus’; ‘O Fazendeiro e Deus’; ‘A Virada’.

Persona: ‘Amor por Contrato’; ‘Poder Além da Vida’; ‘A Fera’.

Sentido Teleológico: ‘O Livro de Eli’; ‘Conversando com Deus’; ‘De Porta em Porta’; ‘Náufrago’.

Sincronicidade: ‘O Contador de Histórias’; ‘Um Sonho Possível’.

Sombra: ‘O Médico e o Monstro’; ‘Beleza Americana’; ‘A Revolução dos Bichos’; ‘O Efeito Sombra’; ‘A Fera’.

Conclusão

O principal diferencial do Cine Debate com pano de fundo junguiano é que esta abordagem convida a residente a uma viagem às suas entranhas psíquicas em busca de aspectos sombrios que a levaram até aquela situação, bem como a provoca, também, a encontrar no seu íntimo algo que lhe sirva como objetivo de vida – uma missão. Não tem acento moral e não elege a droga ou o traficante como o arqui-inimigo – eles estão fora e o que precisa ser entendido com a alma é o que está dentro (com perdão da redundância).

Existe uma frase do Ghandi que ilustra e resume com muita propriedade o que foi escrito acima: “A verdade é totalmente interior. Não há que a procurar fora de nós nem querer realizá-la lutando com violência com inimigos exteriores”.

Cabe enfatizar que esse tipo de abordagem tem como axioma de que somente a desintoxicação não é suficiente. Não se pode apenas eliminar algo (a droga), é preciso incitar a pessoa para a busca de uma dimensão complementar nova. Essa dimensão nova está escondida e adormecida no íntimo de cada um e o Cine Debate é um dos instrumentos disponíveis para auxiliar a despertá-la, pois para aquilo que não é dado espaço na consciência, emerge na vida como destino.

Referências Bibliográficas

DA SILVA, Ana Dóris *et al.* *A Abordagem Cinematográfica das Dependências. Uma análise do filme “Réquiem para um sonho”*. 2012. TCC (Dependências, Abusos e Compulsões) – IJEP, Brasília (DF).

DE ARAÚJO, Geraldo A. B. *Aproximações e Distanciamentos entre a Carta Testemunha do Tarô Terapêutico – Método Pramad – e as Funções Psicológicas*. 2008. Monografia (Psicologia Junguiana) – Facis/IBEHE, Brasília (DF).

JUNG, C. G. *A Dinâmica do Inconsciente*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____ *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes.

_____ *Aion*. Estudos sobre o Simbolismo do Si-Mesmo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ *O Eu e o Inconsciente*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____ *Psicologia e Religião Ocidental e Oriental*. Escritos Diversos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____ *Tipos Psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991.

PIERI, Paolo Francesco. *Dicionário Junguiano*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SHARP, Daryl. *Léxico Junguiano*. Dicionário de Termos e Conceitos. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

STEIN, Murray. *Jung*. O Mapa da Alma. Uma Introdução. 13. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

ZOJA, Luigi. *Nascer não Basta*. São Paulo: Axis Mundi, 1992.